

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

COMPONENTE CURRICULAR: Redação Científica

**ELEIÇÕES E IDENTIDADE DO SUJEITO POLÍTICO: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DE JORNAIS.**

ALUNA:

Angelica de Farias Barros

SUPRA OMNIS LUX LUCIS

Campina Grande-PB

2010

ANGELICA DE FARIAS BARROS

**ELEIÇÕES E IDENTIDADE DO SUJEITO POLÍTICO:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE JORNAIS.**

**Monografia apresentada ao
Componente Curricular Redação
Científica, como um dos requisitos
de avaliação final para conclusão
do curso em Licenciatura Plena
em Letras habilitação em Língua
vernácula.**

ORIENTADOR(A):

Dr. Aloísio de Medeiros Dantas

Campina Grande-PB

2010

ANGELICA DE FARIAS BARROS

**ELEIÇÕES E IDENTIDADE DO SUJEITO POLÍTICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
DE JORNAIS.**

Período 2010.2

Professor/Orientador

Dr. Aloísio de Medeiros Dantas

Professora/Examinadora

Dra. Marli Hermenegilda Pereira

Campina Grande – 2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência e pela existência dos que me possibilitaram estar aqui.

Ao meu orientador, professor Aloísio de Medeiros Dantas, que nessa trajetória foi fundamental para o sucesso dessa empreitada.

A minha mãe Margarete, para qual ainda não encontrei palavras suficientes para expressar toda minha gratidão e carinho, não só nesse momento, mas em todas as horas.

A minha tia Ofélia e minha "priminha" Jade, pelo apoio, carinho, alegria e incentivo em incontáveis momentos.

A Diogo, que mais que um companheiro foi em muitas horas pai, amigo e irmão, sem tua presença tudo teria sido bem menos encantador.

Ao meu irmão Leandro e a meu pai José de Farias, que mesmo não estando presentes em muitos momentos são extremamente importantes em minha vida.

Aos professores (as) do curso que me conduziram nessa árdua e grata área de estudo, na qual pretendo prosseguir.

Aos colegas, pelo apoio, carinho, força que trocamos nessa caminhada.

**Tudo tem seu tempo e até certas manifestações mais
vigorosas e originais entram em voga ou saem de moda.
Mas a sabedoria tem uma vantagem: é eterna.**

Baltasar Gracián

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar os segmentos discursivos de notícias, do Jornal da Paraíba e do Jornal Correio da Paraíba. Essas notícias foram coletadas nos domingos do mês de janeiro de 2010, observando o sujeito em relação à sua posição e ao interdiscurso, tendo como base teórica os pesquisadores Pêcheux(1990), Orlandi (1990-1988), Henry (1990), Indursky (1997), Dantas (2007), entre outros. Abordando o tema “discurso sobre eleições e identidade do sujeito político”, as notícias apresentam um sujeito político que constrói discursos através de três estratégias: repetição dos discursos através de palavras e expressões entre os diferentes textos, transformação dos discursos no mesmo texto e em textos diferentes. Além disso, a pesquisa procura enfatizar a análise do discurso desde sua origem até os dias atuais em vários aspectos, pois essa abordagem torna possível o estudo sobre o discurso político no que se refere ao sujeito político sua concepção de identidade e também ao interdiscurso em contextos pré-eleitorais.

Palavras-chaves: segmentos discursivos, sujeito político, eleições.

ABSTRACT

This study aims to examine the discursive segments of news, do Jornal da Paraíba e do jornal Correio da Paraíba, these stories were collected on Sunday of the month of January 2010, noting the subject in relation to its position and the interdiscourse taking researchers as a theoretical basis Pêcheux (1990), Orlandi (1990-1988), Henry (1990), Indursky (1997), Dantas (2007), among others. Addressing the theme speech on elections and political identity of the subject, the news brings a guy that builds political speeches by three strategies: repetition of speeches by words and expressions between different texts, discourses on the transformation of the same text and different texts. So we try to emphasize the analysis of discourse from its origins to the present day in many ways, after that it becomes possible to approach the study of political subject his conception of identity and also in pre interdiscourse-election.

Keywords: discursive segments, subject to political, elections.

SUMÁRIO

1 – Introdução	9
2 – O discurso político	11
2.1 – A análise do discurso: teoria e metodologia.....	11
2.2 – Estudos do discurso político.....	17
3 – O sujeito político	21
3.1 – A concepção de sujeito.....	21
3.2 – A concepção de identidade.....	25
3.3 – Os interdiscursos na construção do sujeito político.....	28
4 – O sujeito político em contexto de eleições	32
4.1 – Os sujeitos políticos em período pré-eleição.....	32
4.2 – Os interdiscursos e a identidade do político em notícias de jornal.....	34
5 – Considerações Finais	44
6 – Referências	46
7 – Anexos	49

1. Introdução

Nesse trabalho intitulado ***“Eleições e identidade do sujeito político: uma análise discursiva de jornais”***, abordaremos o tema discurso sobre eleições e identidade do sujeito político, em jornais da Paraíba. Teremos como questionamento central a pergunta: as notícias trazem um discurso de aceitação ou de rejeição da política e dos políticos?

No Estado da Paraíba, as campanhas eleitorais têm sido trabalhadas nos jornais, a partir dos grupos políticos que os comandam. Essa interferência da mídia impressa sobre o voto é um espaço por onde passam sujeitos e discursos, nem sempre inocentes. O campo da mídia impressa é permeado por diversos discursos que se entrecruzam. As enunciações são variadas e complexas, e cada enunciatário compreende de forma peculiar o que lê, ouve ou vê. A enunciação de um jornal impresso constrói uma imagem do enunciador, daquele que fala, o local e a relação com que ele se atribui e aquilo que se diz e também a do enunciatário, daquele para quem o discurso é endereçado, o público.

Pretendemos analisar, no corpus de análise do trabalho, 02 (duas) edições do período de janeiro de 2010, dos jornais “Correio da Paraíba” e “Jornal da Paraíba”, contendo 6 notícias, tendo como objeto de estudo a análise dos segmentos discursivos de notícias, que estão transcritas no anexo desse trabalho.

Nesses segmentos das notícias, observarei o sujeito em relação à sua posição e ao interdiscurso, que terá grande importância para a sociedade de forma reflexiva, tendo como fontes teóricas os pesquisadores da análise do discurso Pêcheux, Foucault, entre outros.

O trabalho tem como objetivo central analisar os segmentos discursivos de notícias, que estão transcritas no anexo do trabalho, verificando os segmentos que tratam de eleições e também analisar se a temática eleições refere-se à identidade do sujeito político.

Este trabalho de monografia se justifica pela importância que a análise do discurso tem para as áreas das ciências humanas, ao analisar os textos da mídia e também da relação que o sujeito tem com a ideologia. De forma reflexiva, contribui para os estudos dos diversos discursos que possui sentidos determinados pelas posições ideológicas de acordo com o enunciador e o enunciatário existentes nos

textos da mídia impressa, apresentando uma visão não individualista. A pesquisa terá como centro condutor a leitura da complexidade interdiscursiva, mediante a explicitação das enunciações marcadas nas notícias dos jornais, identificando o sujeito e o seu contexto histórico-social.

Os discursos das notícias têm muita importância, pois são eles que vão identificar o sentido da enunciação, podendo trazer um caráter de aceitação do emprego de certas representações ou de rejeição de outros discursos.

Esse jogo discursivo legitima o sentido centrado no “eu” pluralizado constituído do outro que lhe atravessa, ou seja, verifica-se um sujeito múltiplo, porém compreender o sujeito é uma tarefa que requer uma visão voltada para os objetos de análise, pois o sujeito pode ocupar várias posições no texto.

Portanto, este estudo mostrará os procedimentos importantes para a área de estudo da Análise do Discurso, definindo a identidade do sujeito nas notícias jornalísticas que tem como tema eleições.

Esse trabalho, empiricamente, justifica-se também pela sua importância em relação ao ensino de língua portuguesa, devido aos aspectos didáticos que podemos encontrar nas notícias políticas, os problemas linguísticos que envolve tanto as fronteiras entre a sintaxe, a semântica e a pragmática, numa aplicação em sala de aula também podemos considerar a relação entre os enunciados e sua enunciação.

O trabalho está organizado em capítulos que seguem da seguinte maneira: no capítulo 2 com o discurso político que será fragmentado em dois subtítulos, no primeiro sua teoria e metodologia e posteriormente, no segundo subtítulo, os estudos do discurso político; no capítulo 3 daremos ênfase ao sujeito político, dividido em três subtítulos, primeiramente a concepção de sujeito, logo após a concepção de identidade e por último os interdiscursos na construção do sujeito político; o capítulo 4 faz referência a análise do trabalho o sujeito político em contexto de eleições dividida em dois subtítulos, a primeira os sujeitos políticos em período pré-eleição e o segundo os interdiscursos e a identidade dos políticos em notícias de jornal, e por fim segue as considerações finais, as referências e os anexos.

2. O DISCURSO POLÍTICO

Este capítulo apresenta o tema discurso político como base em alguns linguístas e será subdividida em dois subtítulos, no qual terá como aspectos a teoria e a metodologia da Análise do Discurso, e posteriormente, os estudos do discurso político.

2.1 Análise do discurso: teoria e metodologia

A construção de uma teoria da “Análise do Discurso” não faz referência apenas ao materialismo histórico e à psicanálise, mas também a uma “teoria das ideologias”, à teoria do inconsciente e ao estruturalismo. Há uma opacidade na crítica às ciências sociais, principalmente a psicologia social; para Michel Pêcheux (1983), filósofo francês, as ciências sociais são ideologias, e devido a essas ideologias, o filósofo sentiu que esta área metodológica necessitava de uma reflexão.

Para Pêcheux (1983, p.311), o objetivo era realizar uma divisão teórica e científica na área das ciências sociais; e, para que ele obtivesse esse fim, pretendia fornecer um instrumento científico para as ciências sociais, dois momentos são distintos para a construção do objeto em relação ao instrumento científico.

O primeiro momento pode ser descrito como essencialmente teórico e conceitual, o que não quer dizer que as ferramentas ou instrumentos (“materiais e/ou abstratos”) aí não exerçam nenhum papel. Mas o segundo momento, aquele da “reprodução metódica” do objeto, que os instrumentos parecem ter uma função determinante [...] (HENRY, 1990, p.16)

A história da Análise do Discurso foi estruturada em três épocas, pelo filósofo Pêcheux. Inicialmente, a primeira época teve como objeto de estudo o discurso estruturalista fechado e autodeterminado, a noção de “máquina discursiva” é apresentada nessa época, que foi marcada por uma recusa à metalíngua universalista e, também, ao sujeito intencional como o enunciador do discurso. Duas possibilidades são propostas nessa época da Análise do Discurso, a primeira é a de que um discurso domina as características da linguagem, e a outra defende o espaço de construções das variações textuais do discurso.

O segundo período da Análise do Discurso tem como objeto de estudo as relações entre os elementos discursivos que têm processos desiguais. Nesse

período, há uma quebra do discurso fechado, trazendo elementos de outros lugares — conceito entendido como representações imaginárias do sujeito sobre si mesmo, o outro e o contexto — que dão evidências ao sujeito. A noção de formação discursiva, tomada de empréstimo do filósofo Michel Foucault, passa a figurar como concepção na teoria. Nessa fase, a Análise do Discurso desenvolveu poucas inovações no que diz respeito aos procedimentos de análise, como afirma Pêcheux:

Do ponto de vista dos procedimentos, a AD-2 manifesta poucas inovações: o deslocamento é, sobretudo, sensível ao nível da construção dos “corpora” discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais [...] (PÊCHEUX, 1975, p.315)

Já no terceiro período, o objeto de estudo da Análise do Discurso é um trabalho das noções da interrogação – negação – desconstrução. Essa época foi muito crítica, diante da desconstrução da maquinaria discursiva e vai tratar do estudo da formação de objetos discursivos, dos acontecimentos, dos pontos de vista e lugares enunciativos no intradiscurso. O interdiscurso ganha respaldo para a nova concepção do objeto de análise.

No estudo da Análise do Discurso, pode-se verificar, de acordo com Sargentini (2008, p.103), que não há somente deslocamentos teóricos e analíticos, em função da maturidade, mas também mudanças relativas ao objeto da análise que oferece novas formas e desperta novas sensibilidades. O objeto de análise recebeu uma nova perspectiva de olhar para o “corpus”, que antes era considerado com um método definitivo que se aplicava nos textos.

Foucault iniciou reflexões sobre arquivo, e afirma que a constituição deste está intrinsecamente relacionada à noção de enunciação, na Análise do Discurso, que reconfigura o seu modo de ver o objeto de análise.

Focalizando a construção de um meio de compreensão dos objetos de linguagem, a Análise do Discurso procura entender as formas textuais de representação do político, trabalhando com a linguagem como fato ligado ao político, como afirma Orlandi (1990, p. 25).

Uma nova percepção do político vai surgir, devido à permanência da materialidade da linguagem. Em fator disso, a Análise do Discurso tendo com base o fato linguagem irá construir um lugar particular entre duas disciplinas a linguística e as ciências das formações sociais.

Tendo em vista a relação da linguagem com a ideologia, o discurso situa-se no lugar particular, relacionando a evidência subjetiva e a evidência do sentido,

mas há uma determinada contradição na teoria do discurso, pensada por Pêcheux *apud* Orlandi (1990, p.25), que uma teoria da ideologia não pode substituir a teoria do discurso.

Segundo Orlandi (1990, p.26), na Análise do Discurso não há transparência no sujeito e na significação, entretanto a transparência da linguagem é verificada na relação das ciências sociais com o político, ocasionando uma problemática relação.

Na França, a Análise do Discurso é uma política da leitura, ou seja, é uma prática de ler textos políticos e vem trazendo consigo uma problemática entre o discurso e a leitura, pois, ao ler os textos políticos, surgiam debates marxistas nos discursos teóricos e científicos. A Análise do Discurso, em um primeiro momento, é um mecanismo de desvendar as ambiguidades e supostas mentiras do texto para revelar a verdade transparente do discurso.

A linguística encontra espaço para a política na Análise do Discurso, além da problemática da enunciação, na qual as análises do discurso se apóiam. O discurso político francês é constituído de escritos doutrinários que são os objetos empíricos da AD, as escolhas desses objetos na pedagogia e na política afetam a AD.

A AD é constituída entre a linguística e a ciência das formações sociais, no entanto, Pêcheux critica essa construção, enfatizando que a linguística por causa da sua formação só pode ser constituída perante sua produção e também as ciências sociais por conta da ilusão com a instrumentalidade das ciências da linguagem, constituída através da análise do conteúdo.

Evidenciada no estruturalismo, a linguística se colocou nas ciências humanas como ciência piloto, porém à linguística não interessa a relação da linguagem, que é considerada como objeto linguístico, com a sua exterioridade que é o objeto histórico, pois isso só interessa às outras ciências humanas e às sociais.

A grande problemática da AD constitui-se em articular as ciências humanas e sociais com a natureza da concepção de sujeito e da linguagem sobre as quais essas ciências se organizam.

O discurso é o instrumento da prática política mediada pelo discurso, a prática política tem como função transformar as relações sociais, reformulando a

demanda social. O discurso é considerado o objeto das ciências humanas e a Análise do Discurso como uma adição à linguística.

A historicidade do texto trata de pensar a materialidade do sentido e do sujeito, seus modos de constituição histórica, já que sua discursividade se forma na própria tessitura da materialidade linguística.

A teoria não subjetiva da leitura tem em si uma relação crítica da AD com a linguística.

[...] nesta relação crítica a AD inclui - como não o faz a lingüística - o sujeito, ao mesmo tempo em que o des-centra, isto é, não o considera fonte e responsável do sentido que produz, embora o considere como parte desse processo de produção. Tam pouco o sentido se apresenta como transparente. (ORLANDI, 1987, p.29.)

A Análise do Discurso é marcada por rupturas políticas entre as diferentes “esquerdas”; na relação direta dos intelectuais com a política e entre a prática política e o trabalho teórico. Nas ciências humanas, a forma do pragmatismo toma o valor operacional, prático, instrumental, apagando seu valor crítico; a observação suplanta os saberes gerais; o fato desqualifica a interpretação; o especialista se alça frente ao intelectual; os pesquisadores se afastam das alturas das ideias e reencontram o solo firme das coisas e os rigores do cálculo.

A Análise do Discurso também deixa marca na linguagem, expandindo termos como o interdiscurso, a formação discursiva - ou os princípios teóricos -, como se afirma que nem a linguagem nem o sujeito são transparentes. A AD em sua função crítica interroga a própria existência das disciplinas, desterritorializando-as.

A AD, além de permitir a reflexão sobre a linguagem, enfatizando as especificidades histórico-políticas dos diversos contextos em que se desenvolve. Tendo sua teoria relacionada fundamentalmente com o político, podendo se verificar dois lados da AD na América Latina que nos leva a uma posição frente à história das ciências.

Primeiramente, de um lado, tudo é político, pela história cisionista e pelos pressupostos da teoria da AD, de outro lado, na América Latina há uma redução no que diz respeito à importância do político, relacionado à força que preside de um imaginário social produzido pelo conhecimento de um intelectual, de acordo com o linguísta Orlandi (1990, p.33).

Foucault apud Courtine (2006, p.15) mediante o aparecimento da Análise do Discurso se forma um domínio de memória que deverá ser analisado, ou

seja, práticas discursivas que fornecem elementos pré-construídos. A Análise do Discurso é constituída por corpora discursivos que são classificados em efeitos pedagógicos e políticos.

Portanto, pode-se dizer que a AD é um modo de leitura que superpõe uma escrita sobre a outra sendo determinada pelo pensamento histórico. Um problema na leitura destacado pelo autor Courtine (2006) é que o leitor dos textos políticos não recebe passivamente o discurso.

A AD hipertrofia a produção do texto, enquanto a recepção do texto e os efeitos próprios às operações de leitura são, da mesma maneira, constitutivos do sentido no discurso: é preciso interrogar as maneiras de ler, tratar o lugar do sujeito-leitor como problema, superar a tentação ortopédica. (COURTINE, 2006. p.27)

O encontro entre a história e a linguística teve grande importância na Análise do Discurso, apesar de serem diferentes em vários aspectos, os historiadores afirmam que o discurso não constitui um objeto e recalca o significante a materialidade da linguagem e os linguistas afirmam que o discurso é como uma prática social e a consideram como objeto reprimindo o sujeito e a história.

Na atualidade não existe mais esse encontro entre a história e a linguagem na Análise do discurso, mediante a evolução muitas das análises sobre a Análise do Discurso abandonam a articulação entre essas duas áreas, pois, a AD se encontra numa situação paradoxal e é o lugar de diversas tensões.

A AD não estuda a gramática, mas o reconhecimento de que a linguagem tem um caráter formal sofrendo o intermédio da ideologia de origem histórico-social e também da subjetividade, ou seja, o discurso que está sempre em movimento.

O analista do discurso vê a linguagem relacionada à sua exterioridade, destruindo assim as barreiras entre as áreas do saber da linguística, da psicanálise e do marxismo, contribuindo para a prática escolar e também para uma conjuntura intelectual.

A disciplina Análise do Discurso se estabeleceu como ciência através da história da linguística, como um rebate ao gesto decisivo de separação. Os discursos não eram somente analisados linguisticamente, mas também historicamente.

Sobre a ideologia, Althusser apud Dantas (2007, p. 16) diz ser vista como dominante, por ser trans-histórica e sua forma é imutável. A ideologia reproduz a

relação imaginária dos indivíduos com as relações reais de sua existência, inconscientemente.

O discurso é materializado a partir da ideologia, na qual o sujeito é o mediador dessa ideologia. Primeiramente, o sujeito se caracteriza partindo do conceito de formação ideológica e formação discursiva. Pêcheux para resolver problemas da relação entre os enunciados num discurso elabora o conceito de formação discursiva.

Nesse sentido, os sistemas culturais de cada falante caracterizam-se discursivamente como formações discursivas, que não se caracterizam como um bloco homogêneo, mas como uma região suscetível de conflitos, indefinições, transformações (DANTAS, 2007. p.53).

Já a formação ideológica, ou formas ideológicas são ideias que representam o pensamento de um indivíduo ou de um grupo.

Percebe-se com esses conceitos a relação do sujeito com a ideologia, a partir dessas definições, Pêcheux *apud* Dantas (2007, p.65-66), afirma que o sujeito é constituído de três modos, a primeira pelo processo de interpelação, ou seja, o sujeito é identificado no lugar deixado vazio pelo indivíduo; também pela sua posição social, como sujeito de direito, dado pelo redobramento entre o sujeito ideológico e as normas sociais que identificam e, por último pelos, desvios linguísticos que mascaram a linguagem.

O sujeito ocupa várias posições na enunciação, caracterizando uma formação discursiva para cada enunciação, segundo Courtine, ocasiona uma dispersão do sujeito, portanto o discurso é heterogêneo.

A heterogeneidade é descrita de duas maneiras por Courtine *apud* Gedrat (2006, p.141), primeira a heterogeneidade mostrada, observada nas enunciações de forma explícita, que são os discursos direto, indireto e indireto - livre além dos demarcadores como a polifonia, a ironia e a pressuposição, e a heterogeneidade constitutiva, está relacionada com o interdiscurso.

O discurso é produzido em três níveis, de acordo com Dantas (2007): a primeira é o da sistematicidade linguística, ou seja, a estabilidade nas estruturas linguísticas, a segunda, o enunciativo – textual que o sujeito ao falar compreende sua língua e a usa adequadamente, observando os diferentes contextos para a variação de gêneros textuais, como o dito e não-dito, dizeres permitidos e as falas interditas, e a terceira, o discursivo que são as interpretações ou certezas do

mundo extralinguístico e os sentidos que cruzam a língua, tendo relação com a metalinguagem.

A questão essencial para a Análise do Discurso é o método nos estudos da linguagem, a linguagem pode ser definida como uma instauradora de mundo ou como desveladora de mundo, segundo Orlandi (1988), dependendo da área que se destina. Pode-se considerar que a linguagem e o discurso são constituídos sócio-historicamente e o discurso nunca pode ser singularizado, pois não se trata de unicamente um discurso e sim uma diversidade de discursos.

O processo de produção da linguagem apresenta-se no conhecimento científico em três regiões, o materialismo histórico, com a teoria das formações sociais; a linguística, com a teoria sintática e enunciativa e a teoria do discurso, com a teoria histórica – semântica.

A linguagem é fundamentada através da produção do discurso em dois processos semântico-discursivos, o processo parafrástico e o processo polissêmico. O processo parafrástico se caracteriza na produção do mesmo sentido num texto, já o processo polissêmico se caracteriza na produção de diferentes sentidos, múltiplos. Sabe-se que o texto é produzido pela tensão característica dos dois processos, o parafrástico e o polissêmico.

O texto é a unidade da Análise do discurso que ultrapassa a noção de informação, sendo constituído de interação e considerando as condições de produção é definido como a unidade complexa de significação. O texto na Análise do Discurso é considerado como o objeto empírico e o discurso é considerado o objeto teórico.

2.2 Estudos do discurso político

O objeto privilegiado da Análise do Discurso é o discurso político. Na França, a Análise do Discurso político se desenvolveu em uma conjuntura política dominada pelo acontecimento político. A conjuntura política teve como temas para seu desenvolvimento o recuo e o refluxo do político, ligada ao pensamento crítico e sendo identificada pelo marxismo e pela referência metodológica da linguística na análise textual, como diz Courtine (2006, p.22).

Segundo Charaudeau (2006, p.15), o discurso político é o objeto de estudo analisado em várias disciplinas: a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia Social, as Ciências Políticas e as Ciências da Linguagem, porque o discurso se relaciona com a linguagem, ação, poder e verdade.

A linguagem e a ação têm uma autonomia própria e são componentes da troca social. Os atos fundadores da linguagem seguem princípios de alteridade, influência, regulação e este ato está mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, construindo simultaneamente o vínculo social.

Já a ação política é estruturada irreversivelmente em um lugar fechado e finalizada em função de um objetivo, fazendo com que o agente, seja um decisor que deve se dar os meios de atingir seus fins. Na ação política está presente a linguagem que remete a um espaço de discussão.

Na ação política, as partes interessadas são chamadas de instâncias e em nome dos quais é realizada a ação são os valores. As instâncias podem ser divididas em duas: instância política e instância cidadã. A primeira onde se realiza a ação política por uma vontade cidadã e está entre dois processos contrários; a produção da comunicação de um poder legítimo e também a legitimação dessa constituição pelo sistema político, relacionada reflexivamente ao poder administrativo. Já a instância cidadã origina a escolha dos representantes do poder.

Os valores são definidos no espaço de discussão como ideias, o conjunto desses valores desempenha decisivamente um papel principal e cujo domínio seria coletivo, a coletividade remete a duas consequências, a primeira é que, dotada de um mecanismo, pode se considerar as ideias como um acordo, um consenso, na hipótese. A segunda consequência é o não desaparecimento das diferentes opiniões de uma sociedade.

O Discurso político é definido por Charaudeau (2006, p.32-33) no interior de determinado campo de práticas, como uma estrutura organizada da linguagem em seu uso e em seus efeitos psicológicos e sociais, esse discurso político é analisado mediante as noções de Filosofia Política e das Ciências Políticas. A Filosofia Política está relacionada aos questionamentos sobre os fundamentos do pensamento político e também as categorias que o compõem.

Já a Ciência Política se relaciona com os comportamentos dos personagens, “atores” políticos, principalmente em função de sua identidade e de

seus engajamentos, os processos que proporcionam reações e escolhas diante de determinadas situações sociais, como a imigração, o desemprego, entre outros acontecimentos que manipulam as massas de acordo com o avanço doutrinário. Esse campo político está envolvido com várias disciplinas como a História, a Antropologia Social, a Sociologia e a própria Filosofia Política.

A Análise do Discurso Político, de acordo com Charaudeau (2006, p.37), enfatiza os questionamentos sobre os discursos que têm caráter emergencial de uma racionalidade política e também da regularidade dos fatos políticos, tornando-os discursos possíveis. Inicialmente, a análise invocou o “materialismo histórico” e uma “teoria das ideologias”, seguindo a definição do filósofo Althusser.

A análise do discurso desenvolveu-se na França com base em um *corpus* especificamente político. Novas noções como as de *enunciação*, de *corpora de textos* (e não de frases), de *contextos*, de *condições de produção* permitiram aos estudos linguísticos descobrir e determinar um novo caminho de análise da linguagem, que não remetia mais à língua, ao estudo dos sistemas da língua, mas ao discurso [...] (CHARAUDEAU, 2006, p.37).

Para desenvolver os estudos sobre o discurso político, várias análises são usadas como a análise lexicométrica, enunciativa e argumentativa, a primeira análise tenta no campo político determinar os universos semânticos e os posicionamentos dos locutores, a segunda análise vai mais além da posição ideológica, evidenciando os comportamentos locucionais dos atores da vida política, e a terceira análise caracteriza os posicionamentos, ao tentar constatar as lógicas do raciocínio.

Uma questão é muito relevante no discurso político, segundo Charaudeau (2006, p. 39), o que diz respeito à capacidade de revelar o que definiria realidade do poder, ou para alguns, questão de poder, necessitando de um discurso para haver ação política e assim conferindo-lhe sentido.

O discurso político possui uma problemática, que envolve o processo de influência social, porque não há política sem discurso, e eles estão ligados indissociavelmente. Essa política depende da ação e é constituída nas relações de influência social, e permitindo a constituição de espaços de discussão, de persuasão e de sedução, a linguagem elabora o pensamento e a ação política, de acordo com Charaudeau (2006, p. 39).

Sobre os lugares do discurso político são identificados três lugares de fabricação desse pensamento, que está relacionado com a interação de acordo com Charaudeau (2006, p. 40). O discurso como um lugar de preparação dos sistemas

de pensamento procura estabelecer um ideal político que é concluído em uma atividade discursiva, que segue certos princípios servindo de referência para a construção das opiniões e dos posicionamentos.

O discurso político como um lugar relacionado ao ato de comunicação, que consiste na influência das opiniões dos atores participantes da cena de comunicação política, cuja finalidade é obter adesões, rejeições ou consensos.

Por último, temos o discurso político como um lugar no qual se produz o comentário, que não está precisamente voltado para um foco político, um discurso que diz respeito à política, mas está fora do campo da ação política. Ainda no discurso político, percebe-se que são manifestadas duas linguagens: a “intragoverno” e a “extragoverno”.

O discurso político manifesta-se tanto “intragoverno”, correspondendo a u desafio de ação no qual a palavra política se faz performativa para poder governar com os parceiros diversos, quanto “extragoverno”, correspondendo a um desafio de deliberação no qual a palavra circula entre esses mesmos parceiros sem que estes tenham poder de decisão. (CHARAUDEAU, 2006, p.41)

O discurso é formado do político, ocupando lugar em que o sujeito se engaja de influência do outro e de justificação de seu posicionamento, interpretando circunstâncias de comunicação.

No campo político, as mídias têm um grande respaldo, pois transmitem a opinião, e vão ser marcadas pela ação e pela decisão, definindo assim um espaço político duplo, onde a sociedade midiaticizada vai caracterizar uma ação política encontrando-se sob a dependência de opinião.

O campo do discurso político possui espaços: público, privado e político e também “atores”: os políticos, os jornalistas e a opinião pública.

3. O SUJEITO POLÍTICO

3.1 – A concepção de sujeito

A Análise do Discurso tem uma posição-sujeito que dá ênfase à heterogeneidade teórica, ou seja, que constrói teoricamente um processo discursivo, é como se fosse o “lugar” estruturado na formação social em que os sujeitos estão inseridos.

Dentro desta noção teórica de posição-sujeito, outra noção compreende a Análise do Discurso, a noção de formação discursiva (FD), que tem origem em textos do filósofo francês Foucault *apud* Mussalim (2002, p.119) sua definição para esta noção é a seguinte:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa [...] (MUSSALIM, 2002, p.119).

É através de três fases que a distinção do sujeito é analisada nas teorias linguísticas modernas, conforme Orlandi *apud* Brandão (1991, p.46). Na primeira fase, a noção de sujeito de Benveniste é colocada em foco com a ideia de interação das relações interlocutivas, em que ocorre a mudança entre o eu e o tu. A segunda fase é centrada nas análises dos discursos políticos, no qual se passa as relações intersubjetivas focalizando o outro, o tu determina o que o eu diz, determinando uma ideia de conflito.

Por último, temos a terceira fase, que centra o espaço discursivo originado entre o eu e o tu, o sujeito nesse caso é identificado com um caráter contraditório e marcado pela incompletude, ou seja, o sujeito chega a sua completude na interação com o outro, relacionando a identidade e a alteridade.

Em cada fase da Análise do Discurso, têm-se diferentes noções de sujeito. Na primeira época da Análise do Discurso, o sujeito é concebido como sendo assujeitado à maquinaria, ou seja, a fala é da teoria, ou da ideologia, ou da instituição. Na segunda fase da AD, o sujeito sofre uma modificação, ele passa a ser considerado aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com o espaço interdiscursivo, e também sofre a indução da formação discursiva do interior da qual enuncia, ele ocupa o lugar social de onde enuncia.

A noção de sujeito, na terceira fase da AD, sofre um deslocamento que dá o surgimento de uma nova vertente menos estruturalista, o sujeito torna-se heterogêneo, clivado, dividido.

Essas fases possuem uma característica em comum em relação ao sujeito: ou ele se modifica quanto à formação ideológica e discursiva, ou se submete à sua própria natureza inconsciente.

O sujeito fala de um determinado lugar social, lugar este que, constituído no discurso, causa um dado efeito de sentido e é comandado por regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito, o anonimato é definido a partir da enunciação determinada, social ou historicamente, ressalta Orlandi em sua citação:

O sujeito é um lugar de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição; o sujeito discursivo é pensado como posição entre outras, e uma posição – sujeito é um lugar social representado no discurso [...] (apud CAZARIN, 2007, p. 113)

O sujeito é constituído de um caráter ideológico e se realiza através do interdiscurso, atravessado por questões da ordem do inconsciente, também é histórico por que não está centrado no mundo que o cerca e descentrado, pois é separado pela ideologia e pelo inconsciente. Só existe ideologia através do sujeito e para o sujeito.

A Análise do Discurso enfatiza a teoria não-subjetiva da subjetividade, sabendo que o sujeito é inventado pelo discurso através do processo de subjetivação, verifica-se que o sujeito discursivo é marcado por uma heterogeneidade decorrente de sua interação social em diferentes segmentos da sociedade, também é fundamentalmente disperso e fragmentado.

Na formação do discurso (FD), quando a prática discursiva mostra a enunciação do sujeito, percebe-se que o sujeito não ocupa uma posição central; ele não é fonte do seu discurso; nem tem uma identidade estável e fixa. O sujeito é constituído na FD com a presença do outro mais o inconsciente, no qual é duplamente afetado, e dividido pelo inconsciente e pela ideologia, segundo Indursky *apud* Cazarin (2005, p. 30-32).

Segundo Foucault,[...],uma FD se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação. As regras de formação determinam condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de repartição discursiva dada. (INDURSKY, 1997, p.31).

Há uma possibilidade de contradição do sujeito seja o fato dele produzir o discurso e ao mesmo tempo ser produzido por ele, ou seja, trata-se de refletir sobre a heterogeneidade no interior de uma mesma posição-sujeito, havendo nesse ponto uma diferença interna.

Pêcheux, diferentemente de Althusser, considera que o sujeito está na ordem do inconsciente, e que o “sujeito” ideológico não é apenas uma reprodução do “sempre-já dado”, a ideologia torna o indivíduo em sujeito, mas também o assujeita, conceito definido por Pêcheux *apud* Cazarin (2005, p.26). O reconhecimento da posição do indivíduo nas relações sociais se dá através do ser sujeito consciente.

O assujeitamento por está ligado à ambiguidade exprime a ilusão de liberdade e de vontade do sujeito, para agir o indivíduo deve ter a ilusão de ser livre e determinado, como explica Haroche *apud* Cazarin (2005, p. 29).

Esse processo de assujeitamento pode ser completo e imutável, e está relacionado aos mecanismos de resistência, transformação e ruptura. Assim, é através de uma posição-sujeito que o sujeito produz o seu discurso.

O sujeito se encontra em dois eixos, tratados por Courtine *apud* Cazarin (2005, p.43), que são o da memória e o da atualidade, também atravessa duas teorias.

Pode-se, pois, afirmar que, em AD, a concepção de sujeito do discurso é atravessada por duas teorias – o marxismo (leia-se ideologia) e a psicanálise (entenda-se inconsciente). Dessas duas concepções teóricas decorrem os limites para a onipotência do sujeito, provocando seu descentramento. (INDUSKY, 1997, p.28).

Uma nova teoria se aperfeiçoa na produção do sentido e do sujeito, a teoria dos dois esquecimentos, segundo Pêcheux *apud* Gredat (2006, p. 139). O esquecimento nº 1 o sujeito falante tem a ilusão de ser a origem dos sentidos, de ser aquele que cria o seu discurso, rejeita todo elemento que refira ao exterior da sua formação discursiva. Esse esquecimento também pode ser chamado de esquecimento ideológico, da instância do inconsciente.

O esquecimento nº 2, o sujeito falante tem a ilusão de ser o enunciador do seu discurso, vinculado a enunciação está na instância do pré-consciente, no entanto, a formulação dos sentidos na enunciação é feita através das famílias parafrásticas ao mostrar o que foi dito de outra forma.

O sujeito enunciador está relacionado aos dois esquecimentos ligando-se por meio da representação do eu. O sujeito está no lugar das descrições locais onde se pode recuperá-lo e categorizá-lo.

A partir da heterogeneidade do discurso, o sujeito falante diferencia-se ao exercer funções como: locutor, a representação do eu no discurso; enunciador, a perspectiva da construção do eu; e o autor, a função social assumida pelo eu na produção da linguagem.

O sujeito político é representado no discurso pelas cenas das forças políticas, cuja construção está relacionada à cena discursiva de interlocução, esse sujeito é uma instância que firma um âmbito máximo de realidade através da força ao se transformar em violência, segundo Cazarin (2005, p. 65)

A representação e a identificação do sujeito político podem ser situadas em uma margem da vida política, no qual se desenvolvem as instituições políticas e a cena de representação das forças políticas.

O político, em sua singularidade, fala para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse apenas o porta-voz de um *Terceiro*, enunciador de um ideal social. (CHARAUDEAU, 2006, p. 80).

Portanto, três vozes são estabelecidas, a voz do Terceiro, a voz do Eu e a voz do tu-todos. O sujeito político está relacionado também à questão do ethos na construção das imagens populares, como suporte de identificação, para que o seu reconhecimento seja voltado para o público.

O sujeito político ao rejeitar valores pregados pelo seu adversário estará desqualificando-o ao mostrar que as ideias do adversário são contraditórias e fracas, mas esperando que no ataque possa surgir ações do adversário que serão favoráveis ou desfavoráveis à sua imagem.

O discurso do sujeito político é subjetivo e mistura paixão e razão, nesse campo o político coloca ao desejo de identificação do cidadão a sua própria pessoa, no intuito de realizar um projeto político integrado com a participação de todos, esse discurso também está relacionado com a imagem.

A questão da escolha dos valores pelo sujeito político apresenta certos obstáculos, o primeiro obstáculo está na pluralidade de valores, o político se adequa à opinião pública num consenso majoritário. Outro obstáculo está na mudança de opiniões ao longo do tempo na história do país.

O político pode encontrar-se em campanha eleitoral ou dirigir-se a eleitores a quem propõe um projeto, sem saber se poderá realizá-lo; pode igualmente estar eleito e dirigir-se a seus concidadãos para anunciar as medidas que pretende tomar para resolver uma crise, porém, sem saber se poderá honrar seus compromissos. (CHARAUDEAU, 2005, p. 106).

Há alguns casos que o sujeito político exerce a mentira através de estratégias que são a de imprecisão, consiste em afirmações ambíguas e gerais, a do silêncio, consiste na ausência de declarações, a da razão suprema, acontece quando o sujeito político recorre à identidade de um povo, e a de denegação, quando o sujeito político nega sob uma ação da justiça a sua implicação ou a de um de seus colaboradores.

Essas ações afetam a relação de confiança que os cidadãos depositam no político, principalmente quando é uma mentira de Estado, que esta ocasiona benefício próprio ou de um grupo particular, conforme Charaudeau (2005, p. 108).

3.2 – A concepção de identidade

Construindo uma dupla posição, o político diante da concepção de identidade deve convencer todos da pertinência de seu projeto político, que se inscreve na longevidade de uma ordem social e também deve fazer cidadãos em grande número aderirem a esses valores, de acordo com Charaudeau (2006, p.79)

O sujeito político se manifesta numa determinada ação com dupla identidade discursiva, caracteriza por um *Eu-nós*, uma identidade do singular-coletivo, primeiramente, uma que satisfaça ao conceito político, enquanto espaço constituído de um pensamento sobre a vida das pessoas em sociedade, constitui o posicionamento ideológico do sujeito discursivo; outra que satisfaça a prática política, espaço das estratégias da gestão do poder, que constrói a posição do sujeito no processo comunicativo.

Essa dupla posição de identidade é o que se destina ao seu público com feição ideal de um cidadão que seria seu cúmplice, sendo que esse sujeito não é ingênuo e é na identidade social desse sujeito político que se esboça sua legitimidade e é nela que acontece uma autoridade de dizer em toda instância de palavra.

As identidades dos políticos se fazem explícitas na sociedade, através do conceito de legitimidade.

A legitimidade é definida como um estado ou qualidade daquele cuja ação é bem fundamentada, o reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, é o que faz ser legitimado, este reconhecimento é concretizado em nome de um valor que é aceito por todos. Instituída para justificar os feitos e gestos do sujeito que age em nome de um valor que deve ser reconhecido por todos os membros de um grupo, a legitimidade depende das regras que regem cada domínio de prática social, sendo estas regras institucionais que atribuem status e poderes a seus sujeitos políticos, de acordo com Charaudeau (2006, p.65)

Dependendo do poder político (governo, partido) ou de um conglomerado econômico, a legitimidade é questionada mediante um órgão de informação. Esse questionamento é regido por uma dupla lógica, a de informação cidadã e a de concorrência comercial que está contida no domínio das mídias de informação.

A legitimidade é realmente o resultado de um reconhecimento, pelos outros, daquilo que dá poder a alguém de fazer ou dizer em nome de um *estatuto* (ser reconhecido em função de um cargo institucional), em nome de um *saber* (ser reconhecido como sábio), em nome de um *saber-fazer* (ser reconhecido como especialista). (CHARAUDEAU 2006, p. 67).

Portanto, a legitimidade diferentemente da credibilidade e da autoridade determina um “direito do sujeito de dizer ou de fazer”, é um direito adquirido, discutir a legitimidade é discutir o próprio direito. A legitimidade é o resultado de uma atribuição, estado no qual o sujeito é colocado, e adquire um direito a fazer que seja determinado e reconhecido pelos membros do grupo. Do exposto, conclui-se que essa legitimidade remete ao *Eu*.

No domínio político, o sujeito que se apresenta legitimado na instância política, sabe que essa legitimidade *lhe* é acordada pelos mesmos indivíduos da instância cidadã.

A instância política dispõe dos procedimentos de coerção física que *lhe* permitem manter a ordem, gerir as tensões que inevitavelmente surgem em qualquer grupo humano e ajudar no desenvolvimento de uma maior justiça social, mas ela dispõe de tais instrumentos apenas à medida que conservar esse poder como uma soberania reconhecida pela instância cidadã. (CHARAUDEAU, 2006, p. 69)

A legitimidade política origina-se de três tipos de imaginário social: a legitimidade por filiação, por formação ou por mandato, segundo Charaudeau (2006, p. 70)

A primeira legitimidade é obtida como herança, na ideia de que o sujeito deve ser “bem nascido”, essa legitimidade se subdivide em três filiações, a de natureza sagrada, que os atributos e as qualidades dependem de um tipo de predestinação, o sujeito político é eleito por um poder do além; a de ordem social, que são ligadas a uma missão humana, os atributos e as qualidades pertencem a determinado grupo social cujos membros exerceram importantes cargos, seja eles nacionais ou locais; e a de ordem biológica, que não pertence à herança, mas os atributos e as qualidades dependem dos genes de cada pessoa, ligados a ordem da pulsão, do desejo, da paixão.

A legitimidade por formação dá ideia de que o sujeito seja “bem formado”, supõe que se tenha passado por instituição de alto nível com prestígio, em que o diploma tenha sido obtido entre os primeiros colocados, também ter exercido cargos de responsabilidade prestigiosos, mediante a ideia de que a governança dos povos seja assegurada somente pelas elites. O ideal vem a ser uma legitimidade ocupando uma posição de soberania, cujos atributos seriam o sujeito ser “bem-nascido” e “bem-formado” reciprocamente.

Na legitimidade por mandato, quem tem o direito de governar é o povo, pois a sua origem é consequente do poder do povo, que ao tomar consciência do que à imposto opõe-se à soberania de direito divino.

Essas formas de legitimidade trazem uma certa ambiguidade, que pode ser exercida de maneira ambivalente, varia em função da posição e dos papéis exercidos pelos sujeitos políticos nas situações de troca social, situação de candidatura que legitima o ser candidato e o eleitor; situação de governo que legitima a decisão e edição de leis, conforme a instituição a que pertence; situação de território que legitima a exercer para representar um poder local, nacional, supranacional e a situação de representatividade que legitima a representação de um grupo e de suas ideias, entre outras situações.

A causa desses tipos de legitimidade serem ambíguos é o jogo de reconhecimento recíproco que faz com que os povos e soberanos sejam dependentes uns dos outros. Ainda no domínio político, uma legitimidade de fato é exercida em um movimento de sustentação ou adesão popular independentemente do ato eletivo, essa legitimidade é um desafio para o discurso populista por

apresentar riscos, no momento em que um usurpador pode se legitimar mediante discursos demagógicos e determinadas reformas.

As legitimidades verbalizam pelas heterogeneidades, implícitas e explícitas. A identidade do discurso é marcada pela heterogeneidade, com marcas explícitas de negação e também a alteridade discursiva do discurso relatado, essa heterogeneidade relaciona constitutivamente o Mesmo do discurso com o seu Outro, ou seja, a permissão da inscrição do discurso é chamada seu “exterior”, segundo Brandão (1991, p. 71).

[...] segundo Courtine e Marandin, deve se propor a um trabalho que faça justamente aflorar as contradições, o diferente que subjaz a todo discurso, que não exclua a noção de “heterogeneidade como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam em um certo estado de luta ideológica e política, no seio de uma formação social em uma conjuntura histórica determinada.(BRANDÃO, 1991, p. 72).

A heterogeneidade se distingue em dois tipos, a heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. A primeira, o discurso do locutor tem a presença do outro e é marcada pela ordem da enunciação.

A segunda está relacionada com o esquecimento nº 1 e é marcada pela ordem do inconsciente, o sujeito do discurso é conduzido a um “interdiscurso”, conforme Indursky (1997, p. 40).

3.3 – Os interdiscursos na construção do sujeito político

O discurso é formado por falas de sujeitos, essas falas são perpassadas por dizeres de outro lugar e por diversos sujeitos, o conjunto de outros discursos, que determinam o dizer do sujeito, chama-se interdiscurso, que é definido por Maingueneau apud Cardoso (1999, p. 62), como: *Um processo de reconfiguração incessante, no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela [...] (apud CARDOSO, 1999, p. 62)*

O interdiscurso mobiliza os saberes que podem determinar a formação discursiva, identificada discursivamente pelo sujeito e com o qual estrutura a encenação enunciativa, sob dois movimentos: constituindo-se como “ego-eu”, mas desestabilizando-se como discurso do outro.

Para se entender o que seja a noção de interdiscurso, precisa-se compreender a interdiscursividade que diferencia dois tipos de noções: o intertexto quando se refere materialmente a porções marcadas linguisticamente no texto e o interdiscurso que se refere às enunciações anônimas ou posições ideológicas do sujeito.

Para explicitar a noção de interdiscurso, Maingueneau *apud* Cardoso (1999, p. 63) distinguiu esse conceito em universo discursivo, campo discursivo e espaços discursivos. A primeira noção está representada pelas formações discursivas em conjunto que interagem e apresentam pouco interesse aos estudos do analista e não pode ser apreendido no geral, é amplo, mas é finito.

A segunda noção é definida na relação de concorrência dos conjuntos de formações discursivas delimitadas numa determinada região do universo discursivo. Não se pode estudar o campo discursivo na sua totalidade, mas é fundamental um recorte de subcampos e esses recortes são procedentes de questões hipotéticas explícitas que não partem espontaneamente do universo discursivo, verifica-se que um discurso é constituído no interior do campo discursivo.

E por fim, a terceira noção são os recortes dos subcampos para que o analista possa constatar, levantando hipóteses a serem confirmadas, ou não ao decorrer da análise, necessitando de um conhecimento prévio, fazendo a relação com duas ou mais formações discursivas para que se possa compreender o discurso privilegiado e crucial tem em vista o específico da análise.

O interdiscurso ou a heterogeneidade constitutiva é a memória do discurso, possibilitando que o sujeito seja afetado em uma situação dada. O interdiscurso surge através da formulação específica em cada ato discursivo, de acordo com Gedrat *apud* FLÔRES (2006, p. 150-151).

Em sentido amplo, a intertextualidade aproxima-se da interdiscursividade [...], que designa a heterogeneidade constitutiva do discurso, ou seja, a propriedade intrínseca ao discurso de ser heterogêneo. (GEDRAT *apud* FLÔRES, 2006, p. 152).

O elemento constitutivo do interdiscurso é o preconstruído, é onde a FD constrói teoricamente um domínio fechado que está ligado com seu exterior. Há diferentes tipos de preconstruído: o que remete a um discurso anterior de maneira formal, dita como heterogeneidade mostrada; outros que remetem a um discurso não-dito, mas que apresentam vestígios em discursos de refutação, e outros

preconstruídos que são não-ditos e não apresentam correspondência a nenhum discurso assertivo, conforme Indursky (1997, p.41).

O elemento discurso-transverso também é efeito do interdiscurso, é um elemento implícito na fala do sujeito enunciatador, mas explícito quanto ao discurso de origem.

O discurso transverso [...], é uma espécie de “presença-ausente”, efeito da não linearidade e da dispersão da FD e acontece, como enunciado, cruzamento de discursos. Esse funcionamento discursivo tanto pode ocorrer entre discursos inscritos em FDs distintas, como no interior de uma mesma FD, entre posições de sujeitos que divergem ou se diferenciam entre si. (CAZARIN, 2005, p. 39).

Os dois grandes processos de produção de sentidos na e pela linguagem são: o processo parafrástico e o processo polissêmico, que estão relacionados à noção de interdiscurso, como diz Serrani (2003, p. 28)

A paráfrase discursiva é o processo no qual está envolvida a noção contextual, retornando constantemente a um mesmo lugar dizível, já o processo polissêmico apresenta uma ruptura com a multiplicidade de sentidos.

A paráfrase foi agrupada em três classes, que são: sinonímia – identidade, não-sinonímia e a sinonímia – equivalência, de acordo com Serrani (1993, p. 35-36).

A primeira relaciona a visão ingênua do locutor, quando este está em situação transparente de palavra-sentido. Diante do domínio da língua, a paráfrase é definida através de dois pressupostos básicos, que são o estatismo do fenômeno e o consenso dos sujeitos. A segunda consiste na diferença existente no sentido linguístico quando se tem duas formas diferentes, o que ocasiona a biunivocidade completa entre o plano do significante e o do significado que se estende para o nível frasal. A paráfrase está relacionada aos estudos sobre a organização linguística da relação predicativa e sobre as operações de referenciação.

No tocante às operações de referenciação, o enunciado tem não só um sentido específico, mas também outras possíveis interpretações, de modo que, a paráfrase é considerada como a problemática principal da linguagem.

Em relação aos funcionamentos parafrásticos das unidades do discurso, a paráfrase tem relação com a semântica não-estável; de acordo com esse funcionamento, a frase pode ou não ser paráfrase, assim este fenômeno pressupõe uma concepção binária, a paráfrase caracteriza-se como atividade pré-consciente predominantemente metalinguística.

No nível do interdiscurso se tem um jogo de correferências, efeito de identidade da questão em foco no discurso e também as anáforas a realização desse efeito. No nível da reformulação, a ênfase é mais no funcionamento da heterogeneidade mostrada onde está a ligação com a glosa, atividade que se apresenta como explicação, comentário, desconstrução do enunciado-fonte. A glosa encontra-se na passagem para o domínio do interdiscurso, de acordo com Serrani (1993, p. 46).

Para caracterizar a paráfrase, a noção de ressonância é introduzida no interdiscurso que se apresenta no discurso como uma produção de significado através de um efeito de vibração semântica mútua, a ressonância é diferenciada de acordo com as unidades específicas que estão relacionadas ao funcionamento parafrástico e os modos de dizer referentes, em nível interdiscursivo, aos efeitos de sentido produzidos pela repetição na construção de enunciados na formação de um determinado discurso.

Já a metáfora que também é determinada por uma região do interdiscurso na construção de sentidos. A metáfora é produzida em um determinado sentido, ou seja, as palavras, expressões e ou proposições são revestidos de um sentido.

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeito de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (CAZARIN, 2005, p. 40).

Por fim, a interdiscursividade é um efeito formado em um domínio aberto e inconsistente na formação discursiva que se percebe a relação do outro, cujo discurso pode ser explícita ou implícita.

4. O sujeito político em contexto de eleições

4.1 – Os sujeitos políticos em período pré- eleição

O sistema eleitoral brasileiro é regulamentado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e é utilizado para eleger representantes e governantes do país. Foi a partir da independência do país que a legislação eleitoral buscou aprimoramento, anteriormente o país quando era Império seguia um modelo Francês eleitoral.

Esse sistema fundamentou-se em dois princípios: republicanism, após a proclamação da república em 1889, e 104 anos depois foi aprovada num plebiscito de 1993 como forma de governo, o presidencialismo.

Em 3 de janeiro de 1822, houve a primeira lei eleitoral sendo restrita a algumas pessoas. Essa eleição enfocou deputados da Assembléia Geral Constituinte e Legislativa. Após dois anos as eleições indiretas para deputados e senadores, foram formadas em 1824, quando D.Pedro I outorgou a primeira constituição brasileira. O voto era obrigatório e a votação era feita através de uma lista assinada pelos eleitores.

Alguns anos depois, em 1855, a lei dos círculos instituiu o voto distrital. Nosso sistema através das Diretas Já e da constituição 1988 tornou-se eleições diretas e universal a todos. Três sistemas eleitorais são definidos pela constituição e que estão presentes no código eleitoral, a primeira as eleições proporcionais para a Câmara de Deputados que refletem a esfera estadual e municipal, a segunda as eleições majoritárias para Senador e eleições majoritárias para presidente e demais cargos executivos.

O poder executivo é responsável pelas esferas presidente, governador e prefeito e também senador, esse é o sistema majoritário, onde deve se obter a maioria absoluta, ou 50% dos votos válidos e pode se realizar a eleição em dois turnos, exceto para senador que é realizado em um turno.

Já o poder legislativo abrange a Câmara de deputados e órgãos municipais e estaduais, em que se situa o sistema proporcional. Nesse sistema, são restritos alguns fatos como: limite mínimo e máximo de vagas a deputados.

Os sistemas eleitorais possibilitam uma visão de melhoria de vida e compreensão da democracia, que está fortemente relacionada aos sistemas partidários.

Os sistemas partidários iniciaram-se na época de regime militar que era estabelecida por duas legendas ARENA (Aliança Renovadora Nacional) - a situação e MDB (Movimento Democrático Brasileiro) - a oposição. Como a democracia prevaleceu, desde 1980 temos vários partidos políticos que são: PDT (Partido Democrático Trabalhista), PC do B (Partido Comunista do Brasil), PR (Partido da República), DEM (Democratas), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), PSDB (Partido Social-Democracia Brasileira), PPS (Partido Popular Socialista), PP (Partido Progressista), PSB (Partido Socialista Brasileiro), PT (Partido dos Trabalhadores), PV (Partido Verde), PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PCB (Partido Comunista Brasileiro), PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), PT do B (Partido Trabalhista do Brasil), PTN (Partido Trabalhista Nacional), PSL (Partido Social Liberal), PTC (Partido Trabalhista Cristão), PSC (Partido Social Cristão), PSDC (Partido Social Democrata Cristão), PMN (Partido da Mobilização Nacional).¹

Sobre a formação da chapas para os cargos políticos, cada candidato deve formar a candidatura com seus suplentes.

Portanto, cada eleitor deve ir a urna eletrônica que foi desenvolvida e está sendo usada no Brasil desde 1996, no dia da eleição. Sabe-se que o voto é obrigatório e secreto, caso o eleitor não vote, deve justificar sua ausência, se não justificar ou se a justificativa não for aceita pelo Juiz eleitoral, pagará uma multa.

Nas pré-eleições, cada candidato deve traçar seu projeto político e mostrar à população planos, metas e compromissos que este tem para a melhoria da qualidade de vida, seja, no município, no estado, ou no país.

Os políticos pensam em alguns temas abrangentes como: segurança social, educação, saúde, meio ambiente, além de outros que enfocam temas relevantes em períodos pré-eleitorais.

¹ <http://www.suapesquisa.com/partidos/>

4.2 – Os interdiscursos e a identidade do político em notícias de jornal.

Nesse trabalho, os dados foram selecionados dos jornais: Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba, no mês de janeiro de 2010, nas 02 (duas) edições do domingo, na condição de notícias sobre política local.

Nas seis notícias, foi observado que o sujeito discursivo constrói parafrasticamente o discurso através de três estratégias: repetição dos discursos através de palavras e expressões entre os diferentes textos, transformação dos discursos no mesmo texto e a transformação dos discursos em textos diferentes.

No tocante ao interdiscurso, as repetições dos discursos ocorrem nos seguintes enunciados: *lideranças políticas, craques, os políticos*. Já em relação à transformação dos discursos no mesmo texto, temos *campeões de votos, lideram o ranking, liderado disputas*. Por essa transformação do discurso no mesmo texto, temos também em textos diferentes que é expresso por *pré-candidato, novos gestores, parlamentares paraibanos*.

A maioria dos enunciados do jornal Correio da Paraíba, da escritora Adriana Rodrigues, estabelece um discurso de caráter esportivo, ou seja, metáfora do jogo (competição, disputa, vencedor), como é o caso das palavras *craques, campeões* caracterizando seu interdiscurso sentidos de liderança, força, superação, vitória e supremacia. Há também discursos que dão ao sujeito o seu quadro interpretativo são os da área administrativa, da psicologia, da meteorologia, da neutralidade, da economia, análises, mas esses discursos não são constantes.

O sujeito, através dos enunciados *ex-governador, governador, a situação e forças da oposição*, apresenta sua posição ideológica, que são os cargos políticos e o lado de militância em que se encontram.

A identidade do sujeito é legitimada pelos enunciados *os políticos, campeões de votos*, que determinam a credibilidade e a autoridade do político. É o resultado de uma atribuição, estado no qual o sujeito é colocado, e adquire um direito a fazer que seja determinado e reconhecido pelos membros do grupo. Assim, o político é considerado um campeão que lidera as votações.

O discurso do jornal, especificamente em questão, aparece como o discurso que oferece ao leitor/ eleitor o melhor discurso, sob sua ótica. Assim, o interdiscurso constrói sob a forma de anonimato o dizer cotidiano de cada um e de

todos, ou seja, e construindo uma única verdade para o seu leitor, esta encontrada nas páginas do jornal. Esse interdiscurso se identifica com um discurso de reconstrução, ao procurar induzir o leitor com aquele discurso já esquecido, e fazê-lo aceitar. É evidenciado somente o que diz respeito ao editorial do jornal, de forma individual e independente.

Constatamos que os usos de valores na comunicação das notícias presentes nos jornais apresentam discursos de aceitação e de rejeição, como a questão da legislação para regulamentar tais usos.

A aceitação e a rejeição são confirmadas de acordo com cada leitor/eleitor seguindo aspectos políticos e escolhas partidárias. Sabendo que os jornais seguem às vezes um padrão partidário.

N1 - Trabalho junto ao eleitorado

Apesar de estarem em lados opostos e, na maioria das vezes, ser de partidos diferentes, as lideranças políticas do Estado que despontam como campeões de votos na Paraíba têm muito em comum. Os ouvidos pela reportagem atribuíram a popularidade e o sucesso nas urnas ao resultado do trabalho que fazem junto ao eleitorado e as suas bases de atuação, ou seja, aos serviços prestados e ao compromisso com o mandato que lhes foi confiado.

De acordo com a notícia, recortaremos o seguinte enunciado, para a análise:

“As lideranças políticas do Estado que despontam como campeões de votos na Paraíba têm muito em comum.” (Sequência discursiva 1 – SD1)

Nesse enunciado, temos o sujeito enunciativamente marcado como **lideranças políticas** e o discurso das eleições caracterizado como uma disputa esportiva: **campeões de votos**.

Ao analisar esse enunciado como SD1, identificamos o político com a identidade de jogador, que assume uma liderança e o contexto discursivo das eleições como um evento esportivo, no qual o resultado, discursivamente, só interessa aos vitoriosos, ou “campeões”.

N2 - Campeões de voto disputarão urnas em 2010

Todos os parlamentares paraibanos habituados a vencer eleições

Quando o assunto é disputa eleitoral, eles se destacaram como verdadeiros craques. Com a capacidade de alterar o resultando de um pleito, devido à quantidade de votos que são capazes de conquistar em determinadas regiões, e até mesmo em todo o Estado, independentemente, dos cargos que disputem, eles vão influenciar- e muito – nas eleições deste ano.

Esses políticos lideram o ranking dos candidatos mais votados das eleições na Paraíba, conforme aponta o resultados das urnas, porque além de vencerem os pleitos que participaram, obtiveram expressiva votação, que os colocaram como campeões de votos no Estado, tanto em disputas proporcionais, quanto majoritária...

Pelos resultados das duas eleições, 2006 e 2008, é fácil verificar os políticos que se mantém na dianteira como campeões de votos. Alguns deles, que já foram testados nas urnas em eleições passadas, em outros cargos, conseguiram se manter o favoritismo nas disputas e, conseqüentemente obter maior número de votos.

Nas eleições de 2006, por exemplo, onde foram disputados os cargos de governador, senador, deputado federal e deputado estadual, a maioria que obteve maior número de votos, já haviam liderado disputas em pleitos passados...

A partir desta notícia, recortarei para análise os seguintes enunciados:

“Quando o assunto é disputa eleitoral, eles se destacaram como verdadeiros craques.” (SD2)

Esse enunciado marca um aspecto interdiscursivo, coloca-se a campanha política como um esporte. O sujeito político nesse enunciado é comparado com a identidade de jogador: **craques**

“Esses políticos lideram o ranking dos candidatos mais votados das eleições na Paraíba...” (SD3)

Essa sequência discursiva mostra que a disputa esportiva está assumindo um aspecto constante nas eleições: **lideram o ranking**, no qual o resultado positivo da eleição é representada pelo “ranking”.

*“além de vencerem os pleitos que participaram, obtiveram expressiva votação, que os colocaram como **campeões de votos** no Estado, tanto em disputas proporcionais, quanto majoritária...” (SD4)*

Na SD4, temos o sujeito caracterizado como campeões de votos, termo usado para identificarmos o político com a identidade de jogador, novamente o evento esportivo acentua o discurso das eleições.

“Alguns deles, que já foram testados nas urnas em eleições passadas, em outros cargos, conseguiram se manter o favoritismo nas disputas e, conseqüentemente obter maior número de votos.” (SD5)

Ao analisarmos esse enunciado identificamos um discurso caracterizado como exame (avaliação), ao determinar o modo como sujeito foi visto nas eleições: **testados**.

*“já haviam **liderado** disputas em pleitos passados...” (SD6)*

Já na SD6, a identidade do sujeito vem novamente identificar como um esportista: **liderado**.

Nesses enunciados, a presença marcante do discurso esportivo, devido ao sujeito se identificar com a disputa esportiva: **ranking, campeões, liderado**, que vem simbolizando o sujeito como um drama profundo, uma batalha que “não admite derrota”.

N3 - Candidatos obtêm quase 1 milhão de votos

Tanto o ex-governador Cássio Cunha Lima, como o governador José Maranhão já lideram disputas eleitorais no Estado como postulantes em outros cargos. José Maranhão, por exemplo, pré-candidato à reeleição nas eleições deste ano, já liderou eleições como deputado federal por vários mandatos, vice-

governador, governador e foi campeão de votos para o Senado, nas eleições de 2002, na qual foi eleito com 831.083, o correspondente a 28,7% do eleitorado, para uma das duas vagas. A segunda vaga foi conquistada pelo deputado federal Efraim Morais, 594.191, o correspondente a 20,5% dos votos dos paraibanos.

Já o ex-governador Cássio Cunha Lima, que pretende se candidatar a uma das vagas ao Senado, nas eleições de 2010, disputou o seu primeiro mandato em 1986, como deputado federal, sendo o segundo mais votado do estado, com 93.236 votos. Em 1996, foi eleito prefeito de Campina Grande, o correspondente a 48,3% do eleitorado campinense. Foi reeleito em 2000, com 122.718, o equivalente a 71,3% e em 2004 foi eleito governador da Paraíba, com 752.297.

Outro que integra o ranking dos campeões de votos do Estado é o prefeito de João Pessoa, Ricardo Coutinho, que está se credenciando para disputar o governo do Estado como candidatos das oposições em 2010.

Coutinho foi campeão de voto como vereador de João Pessoa, em sua segunda eleição em 1996, quando obteve 6.917 votos. Em 1998, foi primeiro colocado na disputa para deputado estadual, com a votação de 25.388 eleitores, sendo reeleito em 2002, também como mais votado, com 47.912 votos.

Na notícia, destacamos os seguintes enunciados a serem analisados:

“o ex-governador Cássio Cunha Lima, como o governador José Maranhão” (SD7)

Nesse enunciado, a posição ideológica do sujeito é passada através do cargo político: **ex-governador e governador**. Em razão desse fracionamento do sujeito, defendemos que o sujeito responsável pelo discurso formulado é o partido político, devido a enunciação do sujeito em condições de pré campanha eleitoral, que é constituído como o evento enunciativo decisivo e determinante na fala dos sujeitos, em termos de exterioridade constitutiva.

“já lideram disputas eleitorais no Estado como postulantes em outros cargos.” (SD8)

O sujeito, na SD8, mostra que as eleições são mencionadas como disputa esportiva: **lideram disputas**.

A identidade do sujeito aparece mediante o enunciado: “**pré-candidatura à reeleição**”, mostrando que o sujeito está no cargo eletivo e quer se reeleger, discurso que se caracteriza na campanha pré-eleitoral.

*“já liderou eleições como deputado federal por vários mandatos, vice-governador, governador e foi **campeão de votos** para o Senado, nas eleições de 2002, na qual foi eleito com 831.083, o correspondente a 28,7% do eleitorado, para uma das duas vagas.” (SD9)*

O enunciado mostra um interdiscurso entre política e esporte, comparando diretamente o sujeito político a “campeão”, discurso analisado anteriormente.

“disputou o seu primeiro mandato em 1986” (SD10)

Novamente, o discurso político faz relação com o discurso esportivo. Nesse enunciado, a prática do esporte: **disputou**, é a ação por meio do qual se liga ao discurso político.

*“Outro que integra o **ranking dos campeões** de votos do Estado” (SD11)*

Percebe-se nesse enunciado que o sujeito está relacionado diretamente com a prática esportiva, envolvendo a superação dos limites, conquistando o “**ranking dos campeões**”.

O enunciado novamente mostra o discurso esportivo presente: campeões de voto, onde mostra a superação, força, vitória e supremacia que se identificam no sujeito.

N4 - Políticos com liderança e influência política regionalizada, farão diferença na hora de convencer eleitores

Os campeões de votos terão papel decisivo nas eleições deste ano. A maioria já tem projeto político definido e sabe muito bem quem vai apoiar no pleito. Outros, ainda estão indefinidos, ou preferem ganhar tempo para apresentar sua posição.

A previsão até o momento é que haverá três candidaturas ao Governo do Estado: uma que representa a situação, a consolidação de um projeto político para Paraíba; outra das forças da oposição, que tem como principal pré-candidato o prefeito Ricardo Coutinho; e a outra também, apresentada como de oposição, que é a do senador Cícero Lucena, que até o momento está disposto a disputar o pleito mesmo sem a confirmação do apoio dos integrantes de seu grupo político.

Nessa notícia, recortaremos os seguintes enunciados para análise:

“A maioria já tem projeto político definido e sabe muito bem quem vai apoiar no pleito.” (SD12)

Nesse enunciado, a presença do interdiscurso da pesquisa e da organização administrativa é marcada pelo termo: **projeto político**. O projeto político refere-se ao projeto de poder do governo que contempla um ideal a ser realizado pelo político, que deve ser bem definido, em que vise a melhoria da qualidade de vida da população.

Novamente se confirma o discurso esportivo no enunciado: **Os campeões de voto**, enfatizando a todo o momento essa ligação entre os discursos político e esportivo.

“Outros, ainda estão indefinidos, ou preferem ganhar tempo para apresentar sua posição.” (SD13)

Percebe-se que nessa SD13, a também um interdiscurso da neutralidade e também da ausência de decisão: **indefinidos**, causando a dúvida, não há clareza que permite ficar o discurso neutro.

O sujeito tem uma posição ideológica confirmada a partir do modo como se encontram no cargo político: **“a situação”** e **“outra das forças da oposição”**, mostrando que o político encontra-se em uma posição a favor ou contra determinado político que possa estar em cargo mais elevado. Nesses enunciados um aspecto bipolar vem sendo representado entre: governistas x oposicionistas, marcando o confronto entre essas representatividades em torno de um cargo ao qual concorreram.

“mesmo sem a confirmação do apoio dos integrantes de seu grupo político.” (SD14)

Também temos, na SD14, a posição ideológica do sujeito, que é marcada pelo **apoio dos integrantes**, mostrando que há uma posição de dúvida dos políticos na questão de apoio ao grupo político.

N5 - Prefeitos estreantes têm primeiro ano administrativo com desafio

Jornal da PB

Além de receberem as prefeituras endividadas os novos gestores tiveram que enfrentar, em 2009, uma crise ocasionada, principalmente, pela redução do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). A ansiedade, observada durante a campanha eleitoral, em comandar os destinos das respectivas cidades acabou se transformando em dor de cabeça para a maioria, mas apesar disso, o balanço do ano foi considerado positivo pelos prefeitos que administram pela primeira vez...

Nessa notícia recortamos os seguintes enunciados a serem analisados:

“Além de receberem as prefeituras endividadas os novos gestores tiveram que enfrentar, em 2009, uma crise ocasionada, principalmente, pela redução do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).” (SD17)

Nesse enunciado, a presença do interdiscurso é marcada: **receberem as prefeituras endividadas**, mostrando o discurso de administração que é responsável por todas as atividades relativas à administração financeira, patrimonial e de recursos humanos.

A identidade do sujeito é identificada como **novos gestores**, assumindo a característica do político de desenvolver o exercício da liderança que é um passo fundamental na evolução da carreira de novos gestores, busca constantemente por melhores resultados.

“A ansiedade...” (SD18)

“acabou se transformando em dor de cabeça” (SD19)

Percebe-se também que o interdiscurso da psicologia está presente nos enunciados: **“A ansiedade”** e **“acabou se transformando em dor de cabeça”**. A psicologia é a ciência do comportamento, portanto esse comportamento apresentado pelo sujeito é efeito dessa área.

“o balanço do ano foi considerado positivo pelos prefeitos que administram pela primeira vez...” (SD19)

E novamente o discurso de administração marca os enunciados: **“o balanço do ano...”**, manifestando por ideias que constituem práticas, técnicas e intervenções consistentes.

N6 - Pressionado, PT da Paraíba se divide 'servindo a dois senhores'.

Servindo a dois senhores. É assim que o Partido dos Trabalhadores (PT) na Paraíba vem se comportando, ao participar das gestões do governador José Maranhão (PMDB) e do prefeito Ricardo Coutinho (PSB), da capital. Concorrentes ao Palácio da Redenção este ano, Maranhão e Ricardo tentam manter, cada um, o pedaço maior da sigla em sintonia com seu projeto de poder.

(...)

Para ele, a pré aliança firmada entre o Partido dos Trabalhadores e o PMDB para as eleições presidenciais, em 2010, não devem acabar com os conflitos internos do PT na Paraíba. É que alguns petistas paraibanos não estão dispostos a manchar com os peemedebistas. Pelo menos é que conta o ex-vereador Júlio Rafael.

Nessa notícia recortamos alguns enunciados:

“Servindo a dois senhores” (SD20)

Nesse enunciado os sujeitos são marcados como **“senhores”**, identidade definida para os políticos, como forma de tratamento dado a um sabedor,

conhecedor, ao homem com quem se fala ou a quem se escreve. Na SD20, mostra a capacidade de um partido se dividir e apoiar dois candidatos ao mesmo cargo, confrontando com as leis e regras do próprio partido, que na notícia se refere ao PT.

“das gestões do governador José Maranhão (PMDB) e do prefeito Ricardo Coutinho (PSB), da capital” (SD21)

A identidade do sujeito é marcada como cargo político: **governador e prefeito**. Esses cargos definem o político de acordo com a função exercida por eles.

“Concorrentes ao Palácio da Redenção este ano”

A identidade do sujeito é marcada no enunciado como esporte quando este é caracterizado como “concorrentes”, como se fosse disputa esportiva e nessa disputa ninguém vence sozinho, sempre deve haver a concorrência, sendo que a vitória é obra coletiva, o povo é quem decide.

“o pedaço maior da sigla em sintonia com seu projeto de poder.”

O interdiscurso presente nesse enunciado é administrativo e é marcada pela palavra **“projeto”**. Os Projetos Políticos são aqueles com os quais não apenas os candidatos, mas também os partidos políticos envolvidos na aliança estão comprometidos. Este Projeto Político não é somente uma carta de intenções na medida em que é constituído também pela prática política construída por esses partidos na história

“É que alguns petistas paraibanos não estão dispostos a manchar com os peemedebistas”

A identidade do sujeito agora vem confirmar com os partidos políticos: **petistas e peemedebistas**. Por serem de mesma aliança política esses sujeitos estão entrando em conflitos, principalmente, porque alguns políticos petistas estão contra o partido peemedebista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procuramos desenvolver uma análise que visou compreender os segmentos discursivos de notícias de jornais, mais especificamente dos jornais “Correio da Paraíba” e “Jornal da Paraíba”, em período pré-eleitoral tomando como foco as eleições e o sujeito político. Para tanto, procuramos os estudos sobre discurso político e pesquisas relativas a identidade do sujeito e ao interdiscurso.

De toda maneira, tendo em vista o alcance do tema, sobre os discursos eleitorais e a identidade do sujeito político, percebe-se que as notícias trazem um discurso de aceitação ou de rejeição da política e dos políticos, que cabe enfim à Sociedade brasileira debater e escolher tais propostas trazidas pelos jornais e não se ausentar da discussão, o que, de certa forma, hoje se tem observado. Uma das alternativas é requerida no reconhecimento das verdades e na aceitação de uma certa regra de conformidade com os discursos validados.

É confirmada nos discursos o político de acordo com a posição ideológica e sua legitimação em relação a uma identidade no interdiscurso.

Interessante destacar que as notícias apresentam efeitos de sentido construídos através dos recursos parafrásticos que serviu de moldura para o desenho que o escritor pretendeu mostrar nos seus enunciados, com a repetição das palavras e as metáforas.

Desse modo, nas notícias sobre as eleições a presença no discurso esportivo das metáforas do jogo é bem marcada, simbolizando um aspecto caracterizado no ser humano, já que os políticos disputam como jogadores, vivendo numa constante batalha, que não se admite derrota.

Em realidade, nosso sistema político-eleitoral apresenta algumas características como o monopólio da disputa eleitoral entregue aos partidos; o mandato obtido pertence exclusivamente ao parlamentar eleito; liberalidade na formação de coligações partidárias para disputa de eleições proporcionais; permissividade de mudança de partido; transferência de votos entre partidos que disputam coligados; cômputo de votos brancos para determinação de bancadas; e enormes diferenças de magnitude entre distritos eleitorais que, combinadas,

produzem resultados não desejáveis, entre os quais os mais importantes são: desvinculação entre a carreira política individual e carreira partidária.

Então, diante dos dados pode-se dizer que política e discurso se interligam, não há política sem discurso e que a linguagem é o meio que constitui espaços de persuasão, de discussão e também de sedução no intuito de elaborar o pensamento e a ação dos políticos.

Portanto, a instância midiática que no caso são os jornais influencia os cidadãos com o seu poder de legitimação, cada órgão de informação usa o seu poder de sedução para captar o maior número de adeptos e também buscar a credibilidade dos cidadãos para diminuir a concorrência.

Sendo assim, o que vemos são dois jornais “Jornal da Paraíba” e “Correio da Paraíba” com linguagem e identidades diferentes. Cada um desses jornais utiliza de interdiscursos para que seu poder de legitimação seja aceito por todos, construindo um olhar direcionado aos políticos.

6. Referências

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Sobre a noção de interdiscursividade. In: _____. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: UNICAMP, 1991. p.69-81.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Sobre a noção de sujeito. In: _____. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: UNICAMP, 1991. p.45-68.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 168p.

CAZARIN, Ana Ercília. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: FERREIRA, Maria Cristina; Indursky, Freda (Org). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos; confrontando limites*. São Paulo, SP: Claraluz, 2007. p.109-122.

CAZARIN, Ercília Ana. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. São Paulo: Claraluz, 2006. p. 09-57.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. In: KOMESU, Fabiana; CRUZ, Dilson Ferreira da. (trad). São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. *Sobressaltos do discurso: Algumas aproximações da análise do discurso*. Campina Grande, PB: EDUEFG, 2007. 137p.

FILHO, Carlos Piovezani. Análise do discurso político: novos objetos, novas perspectivas. In: _____. NAVARRO, Pedro (Org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceito e métodos*. São Paulo, SP: Claraluz, 2006. p. 243-255.

GEDRAT, Dóris Cristina. Análise do discurso. In: FIÔRES, Onici. *Teorias do texto e do discurso*. Canoas: ULBRA, 2006. p. 123-160.

GRIGOLETTO, Marisa. Entremeios da Análise do Discurso: os desafios de novos objetos. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Org). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008. p. 49-58.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GALDET, Françoise; HAK, Tony (Org). *Por uma análise*

automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 13-38.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997. p. 15-48.

MAGALHÃES, Belmira. Ideologia, sujeito e transformação social. In: FERREIRA, Maria Cristina; Indursky, Freda (Org). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos; confrontando limites*. São Paulo, SP: Claraluz, 2007. p.327-336.

MARI, H ET alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do discurso. FALE/UFMG, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org). *Introdução à linguística*. São Paulo, SP: Cortez, 2002. p. 101-139.

MUTTI, Regina Maria Varini. O primado do outro sobre o mesmo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005. p. 281-286.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. Mídia e política: Análise do discurso do jornal A folha de Jequié. Disponível em: <<http://www.ftc.br/dialogos>>. Acesso em 2 de fev. 2010 17:25

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990. p.25-37.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988. p. 15-28.

PASSETTI, Maria Célia Cortez. Discursos sobre a reforma agrária em entrevistas televisivas. In: ANTONIO, Desiderato; NAVARRO, Pedro (Org). *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 133- 125.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GALDET, Françoise; HAK, Tony (Org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. p. 311-318.

POSSENTI, Sírio. Novos objetos e novos conceitos: a Análise do Discurso se move. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Org). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008. p. 59-67.

SARGENTINI, Vanice. Objetos da Análise do Discurso: novas formas, novas sensibilidades. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Org).

Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2008. p. 103-113.

SERRANI, Silvana M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade.* Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, Vera Regina Martins e. AD de todas as épocas. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar.* São Carlos,SP: Claraluz, 2005. p. 287-302.

ANEXOS

7. ANEXOS

Retirado do jornal **Correio da Paraíba**

03 de janeiro de 2010.

Campeões de voto disputarão urnas em 2010

Todos os parlamentares paraibanos habituados a vencer eleições

Adriana Rodrigues

Quando o assunto é disputa eleitoral, eles se destacaram como verdadeiros craques. Com a capacidade de alterar o resultando de um pleito, devido à quantidade de votos que são capazes de conquistar em determinadas regiões, e até mesmo em todo o Estado, independentemente, dos cargos que disputem, eles vão influenciar- e muito – nas eleições deste ano.

Esses políticos lideram o ranking dos candidatos mais votados das eleições na Paraíba, conforme aponta o resultados das urnas, porque além de vencerem os pleitos que participaram, obtiveram expressiva votação, que os colocaram como campeões de votos no Estado, tanto em disputas proporcionais, quanto majoritária...

Pelos resultados das duas eleições, 2006 e 2008, é fácil verificar os políticos que se mantém na dianteira como campeões de votos. Alguns deles, que já foram testados nas urnas em eleições passadas, em outros cargos, conseguiram se manter o favoritismo nas disputas e, conseqüentemente obter maior número de votos.

Nas eleições de 2006, por exemplo, onde foram disputados os cargos de governador, senador, deputado federal e deputado estadual, a maioria que obteve maior número de votos, já haviam liderado disputas em pleitos passados...

Candidatos obtêm quase 1 milhão de votos

Adriana Rodrigues

Tanto o ex-governador Cássio Cunha Lima, como o governador José Maranhão já lideram disputas eleitorais no Estado como postulantes em outros cargos. José Maranhão, por exemplo, pré-candidato à reeleição nas eleições deste ano, já liderou eleições como deputado federal por vários mandatos, vice-governador, governador e foi campeão de votos para o Senado, nas eleições de 2002, na qual foi eleito com 831.083, o correspondente a 28,7% do eleitorado, para uma das duas vagas. A segunda vaga foi conquistada pelo deputado federal Efraim Morais, 594.191, o correspondente a 20,5% dos votos dos paraibanos.

Já o ex-governador Cássio Cunha Lima, que pretende se candidatar a uma das vagas ao Senado, nas eleições de 2010, disputou o seu primeiro mandato em 1986, como deputado federal, sendo o segundo mais votado do estado, com 93.236 votos. Em 1996, foi eleito prefeito de Campina Grande, o correspondente a 48,3% do eleitorado campinense. Foi reeleito em 2000, com 122.718, o equivalente a 71,3% e em 2004 foi eleito governador da Paraíba, com 752.297.

Outro que integra o ranking dos campeões de votos do Estado é o prefeito de João Pessoa, Ricardo Coutinho, que está se credenciando para disputar o governo do Estado como candidatos das oposições em 2010.

Coutinho foi campeão de voto como vereador de João Pessoa, em sua segunda eleição em 1996, quando obteve 6.917 votos. Em 1998, foi primeiro colocado na disputa para deputado estadual, com a votação de 25.388 eleitores, sendo reeleito em 2002, também como mais votado, com 47.912 votos.

Políticos com liderança e influência política regionalizada, farão diferença na hora de convencer eleitores

Adriana Rodrigues

Os campeões de votos terão papel decisivo nas eleições deste ano. A maioria já tem projeto político definido e sabe muito bem quem vai apoiar no pleito. Outros, ainda estão indefinidos, ou preferem ganhar tempo para apresentar sua posição.

A previsão até o momento é que haverá três candidaturas ao Governo do Estado: uma que representa a situação, a consolidação de um projeto político para Paraíba; outra das forças da oposição, que tem como principal pré-candidato o prefeito Ricardo Coutinho; e a outra também, apresentada como de oposição, que é a do senador Cícero Lucena, que até o momento está disposto a disputar o pleito mesmo sem a confirmação do apoio dos integrantes de seu grupo político.

Trabalho junto ao eleitorado

Adriana Rodrigues

Apesar de estarem em lados opostos e, na maioria das vezes, ser de partidos diferentes, as lideranças políticas do Estado que despontam como campeões de votos na Paraíba têm muito em comum. Os ouvidos pela reportagem atribuíram a popularidade e o sucesso nas urnas ao resultado do trabalho que fazem junto ao eleitorado e as suas bases de atuação, ou seja, aos serviços prestados e ao compromisso com o mandato que lhes foi confiado.

Retirado do **Jornal da Paraíba**

10 de janeiro de 2010

Prefeitos estreantes têm primeiro ano administrativo com desafios

Da redação

Além de receberem as prefeituras endividadas os novos gestores tiveram que enfrentar, em 2009, uma crise ocasionada, principalmente, pela redução do Fundo de Participação dos Municípios (FPM). A ansiedade, observada durante a campanha eleitoral, em comandar os destinos das respectivas cidades acabou se transformando em dor de cabeça para a maioria, mas apesar disso, o balanço do ano foi considerado positivo pelos prefeitos que administram pela primeira vez.

Pressionado, PT da Paraíba se divide 'servindo a dois senhores'.

Adja Brito

Servindo a dois senhores. É assim que o Partido dos Trabalhadores (PT) na Paraíba vem se comportando, ao participar das gestões do governador José Maranhão (PMDB) e do prefeito Ricardo Coutinho (PSB), da capital. Concorrentes ao Palácio da Redenção este ano, Maranhão e Ricardo tentam manter, cada um, o pedaço maior da sigla em sintonia com seu projeto de poder.

(...)

Para ele, a pré aliança firmada entre o Partido dos Trabalhadores e o PMDB para as eleições presidenciais, em 2010, não devem acabar com os conflitos internos do PT na Paraíba. É que alguns petistas paraibanos não estão dispostos a manchar com os peemedebistas. Pelo menos é que conta o ex-vereador Júlio Rafael.

(...)